



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVIII — N.º 449 — Preço 1\$00
27 DE MAIO DE 1961

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Cantinho dos Padres da Rua

Queridos

Acaba de partir a Mãe da Maria Alice, a pequenita cega. O que não sofreu aquela Mãe! Trouxera-a há poucos dias de um antro, em plena serra, onde entrei à luz de candeia de azeite. Os que a trazíamos, andámos longo tempo, encosta acima, até chegarmos ao carro. Ela morava em pleno desterro e abandono. Deixou com o maior desprendimento o lugar em que vivera e penara, para ser chamada aqui, após agonia dolorosa provocada por tumor maligno e por anemia profunda. Quantos não terão partido já da «Casa por tanto sofrer», **direitinhos à Pátria!** Esta doente partiu há momentos. Mais uma vez fiquei contente, e quero que participem da minha alegria. Louvem, pois, na vossa missa ao Senhor pelos Seus Santos que vão partindo do Calvário. E deem paramentos brancos sobre os ombros!

Padre Baptista



PATRIMONIO DOS POBRES

Tenho diante de mim um sem número de cartas de párocos aflitos a pedir a nossa participação para as casas nas suas paróquias: Vila Real de Santo António, Beringel, Portel, Évora, Vila Boim, Paço de Arcos, Oeiras, Parede, Estoril, Sintra, Lourinhã, Mira d'Aire, Figueira da Foz, Mealhada, Coja, Vale Azares e por aí fora. Tenho estado calado e sentido a aflição de cada um. Todos os dias tenho esperanças de poder passar cheques e despachá-los a seus destinos, mas... a hora ainda não chegou. Há-de chegar quando Deus quiser. A nossa esperança está n'Ele.

Não posso, nem sou capaz de esquecer o Bairro de Coimbra, onde está no telhado a Casa-Mãe e espero que fique pronta dentro de pouco tempo. Quando as Criaditas dos Pobres ali estiverem, então sim. Agora não; são grupos de crianças entregues a si mesmas, enquanto as mães vêm à cidade tratar da vida. Já não me atrevo, a ouvir mais queixas de materiais de construção partidos; portas e janelas com vidros estilhaçados; casas manchadas de barro; vizinhos que se não entendem. Tudo resultado de abandono de educação. Já não falo do abandono da noção de Deus! A minha grande esperança está na presença ali das Criaditas. É a sua missão. Obreiras divinas dos males humanos. Que todos os conimbricenses sintam esta minha aflição e ajudem a acabar a casa. Já há muito que nada recebo para ela. E ainda não perdi a esperança de que seja só Coimbra a pagá-la, já que a conta do Património está fraquita.

Não tenho dado aqui notícias de muitas casas entregues. A nossa vida não chega e o jornal também não. Mas não posso esquecer a alegria que senti na encantadora cidade de Évora no dia da entrega solene de dois bairrinhos. Um deles foi construído e dado totalmente pelo casal M. Caeiro. Sete filhos. Sete casas com seus nomes. No acto da entrega o pai leu aos filhos uma carta testamento a pedir deles o amparo à vida dos pobres abrigados naquelas casas: Cantinho de Nossa Senhora das Graças. À entrada, uma lápida a dizer o nome; ao centro, um largo cheio de gosto; ao fundo, um nicho com imagem de Nossa Senhora. Cada casa com seu quintal adequado. Tudo isto dentro do coração da cidade.

Se todas as famílias portuguesas que podem se desprenderem assim um pouco e amassem o seu semelhante que os ajuda a conservar e aumentar os seus haveres, estou certo de que não havia em Portugal famílias a viver com os burros junto da cama, como ainda ontem encontrei. Também eu, como vi fazer aos pobres de lágrimas nos olhos, beijo as mãos deste casal Caeiro.

Padre Horácio

Festas

Ainda não sou a última palavra sobre elas. Braga também queria. Os nossos vendedores naquela cidade —desses nem se fala! É mesmo o «Campanera» quem anda a tratar de tudo. Eu cá não me oponho à ida da trupe itinerante; e também irei com muito gosto a uma terra onde contemos tantas e boas amizades! O que já não tenho é coragem para promover mais Festas, apesar da ordem pacata em que todas se prepararam!

Domíngio, ao regressar da venda, «Campanera» vinha triste. Que tinha havido por lá outros espectáculos de beneficência e agora um certo acanhamento de voltar a pedir o Teatro-Circo. De modo que eu ainda não sei nada de certo, sobre se será ou não a Festa em Braga.

X X X

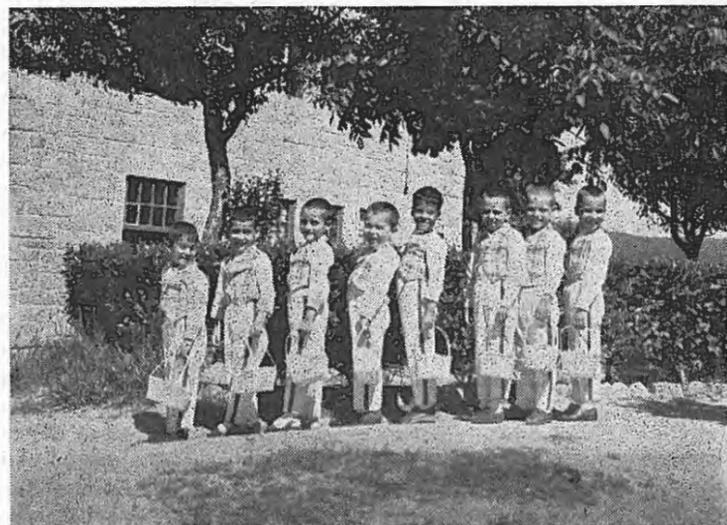
Ontem foi em Setúbal. Logo à tarde é em Lisboa. Eu não fui lá abaixo. Não foi por menos consideração, mas porque não podíamos deixar a frente norte tanto tempo sem nenhum de nós. Ora Padre Manuel António estava muito mais ligado ao grupo que foi representar Paço de Sousa... Padre Baptista era indispensável na apresentação do Calvário... Fiquei eu.

Esperava notícias dos nossos Padres do Sul: notícias de como as festas tinham decorrido. É certo que teriam de ser escritas antes da Festa, no que não traria mal algum pois antecipadamente se sabe de como elas caem sempre no coração dos nossos Amigos de Setúbal e Lisboa. De resto, a coisa não estaria fora dos processos do jornalismo! E, se alguma nota sensacional houvesse a registar, fá-lo-íamos em P. S. da última hora!...

Pois nem Padre José Maria nem Padre Acílio se explicaram com novas das suas festas! E já que não, para o próximo jornal arranjem outro assunto, que este só voltará à baila em 1962 se Deus quiser.

X X X

Das Festas deste ano aqui deixamos uma recordação: Duas fotografias dos nossos «batatitas», tal como se apresentaram em seus cantares e bailares.





CALVARIO

A casa «Coração de Jesus» está toda contente com o casal de velhinhos paralíticos, que lá deitei esta semana. Abriu as portas. Escancarou as janelas. E a luz mais o ar fresco tornaram o ambiente acolhedor, de modo que o Senhor Manuel e a Tia Rosa estão felizes no que é seu. Ai, que se eu tivera máquina fotográfica havia de dar à estampa o rosto deles! Dantes, sós num quartito do Porto, questionavam com frequência, por via das dificuldades com o comer e o agasalhar. Pudera, ambos estão tolhidos! Agora vivem felizes.

A alegria dos que chegam diz-nos bem que o Calvário não é de modo algum sinónimo de morte, mas de vida que começa. Mesmo a partida dos que o Senhor chama, nunca foi ocasião para deitarmos luto. Muito ao contrário. É senhora amiga quem no-lo diz: «Senhor Padre, — a morte é a dádiva dum Vida nova! Estando a pensar na senhora Orinda deparou-se-me esta frase. Para ela, que o Senhor chamou após tanto sofrer, deve ter começado uma vida nova. Como deve ser bom partir! Ver partir assim!» E como somos felizes pensando também assim!

Ora, para que os senhores possam conhecer o rosto alegre dos nossos doentes, antes de desfiar o que nos deram, venho pedir uma máquina fotográfica.

Há parcelas costumadas neste dizer do que tem vindo. «Portuense qualquer» vem com frequência «pedindo ao Senhor que me ensine a amar mais os seus membros sofredores, para que, servindo-me dos bens que Ele me tem confiado, os vá ajudando por Seu amor». Maria Amélia de Lisboa é mensal. Emília, também da capital, vem a miúdo com notas de cem. E com elas a «humilde portuense». Com 20\$ a doente para doentes, mais uma doadora de sangue. Avó das Caldas da Rainha começou com o nascer do neto e tem vindo todos os meses. Peccator de Ovar é certo. Viúva de Africa igualmente. Cruz, da Beira, também. Raúl do Porto, anónimo de Braga. Júlia, creio que do Porto, não tem faltado.

Anónimo promete que «enviarei 50\$ mensais para ajudar a aliviar um canceroso do Calvário, durante um ano». Outros anónimos vêm mais silenciosos, uns com 500\$, outros com 400\$, este com 100\$, aquele com 200\$, estoutro com 150\$, aqueloutro com 600\$ muito inflamado.

Visitantes deixam sempre óbulos discretos cujo valor só Deus conhece. Amigos provados mandam-nos roupas, medicamentos e mimos para os doentes. De Ordins vieram onze chales, que ali foram encomendados não sei por quem. Deus lhe pague. De Lisboa um paramento. Do Porto mantas. De Lisboa lençois, camisolas e coisas de que não to-

mei conta. Da mesma cidade uma pulseira e 500\$. Sem remetente, tabaco e peças de roupa usada.

Bracarense com uma nota de cem. Elvira com outra, bem como uma avó de cabelos brancos e uma serrana da Estrela. «Mãe amargurada» com 50\$. Com idêntica parcela, noiva de Lisboa. Com o dobro, mão escondida de Gondarém. Da Foz, roupas e 120\$. De Gondomar, 50\$. De Penafiel, 200\$. De Sever do Vouga, metade. Prás amêndoas 100\$. Prás botas do Ti Lobato metade.

Na caixa da capela deixaram 1.125\$. Quem foi?

Alunas da Escola Comercial de Matosinhos reuniram mil escudos. Duas Professoras entregaram-nos 200\$.

Visitas deixaram notas de 100, 50 e 20 e levaram vontade de tornar. Os nossos médicos adocaram os doentes com amêndoas e regalaram-nos com cigarros. Doente envia 100\$. Armando metade. Assistentes sociais 150\$. O Senhor Mário muita fruta saborosa, e amiga. Os vicentinos de Guimarães não quiseram deixar-me partir sem entregarem 800\$00.

De Valongo, andam empenhados em levantar casa, aqui. Vão chamar-lhe «Na paz do Senhor». Vão em nove contos.

Há quem faça promessas: «Para que haja paz em Angola, 500\$». «Para que haja paz nos membros da minha família, 150\$». «Para que eu seja melhor, 100\$ de triste portuense».

«Resultado de assembleia de que faço parte, 148\$30». Roupa de Lisboa. Roupa de uma Avó.

Costureiras da Rua Passos Manuel vêm igualmente com roupa.

De Lisboa, V. M. L. manda 500\$. Telefonistas de Penafiel, 135\$. Senhora Ingleza 150\$. Da Foz, Maria Amélia muito alegre e silenciosa com 2.000\$. Gritam da Covilhã «que desejam cada vez ter mais vontade de dar aos Pobres». Desta vez vêm com 1.000\$00.

As irmãs do Terço quiseram espreitar o Calvário. Os doentes apreciaram muito os bolos que elas deixaram. Alguém que as acompanhava entregou discretamente duas notas de 500\$. Júlia torna com 40\$. Maria Lídia com 600\$. Maria Agostinha com 400\$. Inês com 20\$. Professora com 50\$. Admiradora com 60\$. Ninguém com 20\$. Maria do Resgate com 500\$. Maria do Porto com 100\$ «por amor de Deus». Se o dinheiro não circular por este motivo só vai criar guerras, e acender ambições. Seja pois sempre o seu dar «por amor de Deus». Alcide vem com 50\$. Ricardina com outro tanto. Leitora Amiga com o dobro. B. A. C. outra vez com metade. E com 50\$ C. G. J.. Um agradeido com a mesma quantia. Anónimo de Rio Tinto com 500\$00 suplicando a benção de Deus. Casal muito amigo, de Coimbra, vem com 400\$ e pedem ao Senhor que os faça aparecer muitas vezes. Amigo de Lisboa com 100\$. Uma Avó com 10\$.

De Linda-a-Velha 3.000\$. De

Vila Real 150\$. Da Ajuda 100\$. O mesmo de Abrantes. De Alfeizerão 30\$. De Lisboa 50\$, mais 20\$. Não sei donde 500\$.

«Para os meus irmãos doentes», 500\$ de Monção. Para mimos, 40\$. Anónima alentejana com 100\$00.

Para a Maria Alice 200\$ de Lisboa, mais 100\$ da capital, mais outro tanto, mais 20\$, mais 50\$ de Júlia, mais outro tanto de M. Luisa, mais 100\$ «para a menina cega», mais outros 200\$, e ainda 50\$ e roupa para a vestir. Um rádio de Lourenço Marques. Uma lembrança no aniversário do casamento de Idalina. Por alma de Angelina 50\$, e por alma de Carlos o dobro.

Assinantes com presenças amigas. Faro diz que também é Portugal e vem por aí acima «suavisar as dores dos doentes».

Os peditórios deste ano foram em grande número. E o que trouxemos diz bem quanto são estimados os doentes. P.e Carlos e P.e Manuel foram os prégadores entusiastas.

Nota da Redacção — vamos dar números que são bem expressivos:

Nos Carmos 10.700\$. Nas Antas, 6.000\$. Em Cristo-Rei, 6.500\$. No Bonfim, 7.000\$. Em Nevogilde, 5.300\$. Em Cedofeita, 8.700\$. Nos Congregados, 9.200\$. Na Trindade, 9.800\$. Nas Almas, 9.230\$. Na Lapa, 14.945\$. Na Senhora da Conceição, 12.210\$. Em Paredes e Penafiel, 3.700\$. Em Santo Tirso, 6.500\$. Em Famalicão 8.000\$. Em Barcelos, 5.000\$. Viana, 6.000\$. Em S. João da Madeira, 4.500\$. Em Leça do Balio 650\$.

E as capas do Coliseu 19.500\$00. E por este dar podemos afirmar que Cristo é hoje bem amado. E o que retribui a quem O ama não nos é dado conhecer, porquanto se passa no íntimo de quem deu. P.e Batista

Campanha de assinaturas

O assinante 9.330 encetou nova viagem. E sendo o *Famoso* um companheiro inseparável do seu mostruário (ele é viajante), recebemos durante esta quinzena mais dois postais! Um de Alcobaca, outro de Rio Maior, com três assinantes para juntar à sua grande lista.

Este Amigo tripeiro é um exemplo de coragem e boa vontade. Um exemplo de Amor pela santa Causa do *Famoso*. Pois as senhoras mai-las senhores que ainda não se resolveram a botar a rede ao mar façam favor de tomar na devida conta as labaredas que ele vem espalhando, com resultados magníficos. E andem prá frente sem medo!

PORTO/LISBOA: A Invicta desceu uns pontos. Mas isso não admira, porque na quinzena passada veio muita gente fresca. No entanto, senhores tripeiros, cautelinha que o vento sul é mui quentinho: Lisboa não desarma, não enoja e continua a marcar. Pois entre a multidão da capital há duas listas que se destacam. Uma de um leitor da Rua Castelo Branco Saraiva. Outra dos senhores notários.



DO MINHO AO ALGARVE: Quando aqui chego e remexo a correspondência e listas, fico de mãos presas. É um monte respeitável! O mesmo de sempre, aliás. E nem Porto nem Lisboa conseguem alguma vez, estou certo, bater este record. Vamos começar o desfile com Rebordinhos (Bragança) e S. Cosmado e Penafiel. Mais Leixões, Gaia, Rio Tinto, Nogueira da Maia, Ermezinde, Aguas Santas, Rebordões (Santo Tirso), S. Martinho de Bougado e... atenção senhores da T. V., Agueda apresenta-

-se com mais um assinante e diz:

«Acabei de ver, através da T. V. os Gaiatos em alguns números do espectáculo que vão levar a efeito no Coliseu do Porto. Gostei imenso de os ver. Tiveram uma feliz ideia, pois assim deram a conhecer, a milhares de pessoas, um pouco do que é a Casa do Gaiato, e digo um pouco porque o que se via neles não era somente os gestos e os bailados e os cantares, mais do que isso e mais valioso era o ar saudável, tanto de espírito como físico que todos patenteavam. Demonstraram assim quão valiosa é essa maravilhosa obra de recuperação de filhos abandonados da nossa terra. Não deviam ficar por aqui neste aspecto; julgo que deviam apresentar na T. V., todas as vezes que fosse oportuno e pudessem, os Gaiatos e as suas actividades, pois assim creio que mais admiradores conquistavam para a Obra. Ver para crer. Bem hajam os senhores da T. V. por terem proporcionado a todos os espectadores o contacto com os Gaiatos».

Aqui fica o apelo. Se os senhores da T. V. concordarem, nós estamos às ordens, porque não foi só este amigo de Agueda que ficou radiante com o nosso programa, mas um ror deles, do Minho ao Algarve.

E a procissão continua. Mais Aveiro e Cacia, Nazaré e Alhos Vedros e Oeiras, que afirma:

«Junto envio uma lista com 3 assinantes apenas, mas não consegui arranjar mais nenhum, com muita pena minha, pois o nosso jornal é um bálsamo para as nossas dores em face de tantas e tão grandes dores alheias».

Ó carta!



ULTRAMAR — Desta vez temos, apenas, notícias da costa oriental. Angola não marca presença, mas está agora mais perto do que nunca em nossos corações.

A cidade da Beira acorda só quando Lourenço Marques adormece! Porque será? Ora temos em nossas mãos pecadoras uma carta da capital de Manica e Soffala dirigida ao Senhor Padre Carlos. Presumo que dá autorização de ser lida e saboreada pelos senhores beirenses. Aqui está:

«A tua estadia por estas paragens remotas não foi em vão. O Evangelho que nos prégaste, foi ouvido com agrado, (pena

Queima das fitas

A tradição firmou-se e não pára: Aquele último dia das suas festas de despedida da vida escolar de tantos anos, os universitários querem-no marcado pela Caridade. E aí vão eles de porta em porta, feitos mendigos por amor, a juntar migalhas com que enchem os sacos dos nossos rapazes.

Para estes é uma festa! A Queima também já entrou nos hábitos deles, que não esquecem as peripécias mais notórias do outro ano e disputam entre si a glória de terem trazido mais do que os outros ou de terem batido o seu record anterior.

Os dias antecedentes são de grande azáfama para a Senhora, que vai desencantar os trajos mais janotas para os felizes enviados. Aquela noite mal dormem. E, manhã cedo, lá vão com um dos mais velhos por guia; este ano foi o Américo.

O «Imperial» é outro comparsa da tradição. O cafézinho é ali, desde a primeira vez.

Da Praça sobem à Universidade, nesse dia murro do derrete, onde os universitários vão conquistar os seus companheiros de jornada. Claro que os mais pequeninos são procu-

radíssimos e não chegam para as encomendas.

Depois é a faina do dia. A tardinha tudo se junta no Espelho da Moda, outro marco, marco de sempre, desta tradição.

Despejam-se os sacos. Fazem-se contas. Como se não bastara a invasão, quase bárbara, ainda há lembranças para cada um dos pequenos.

É hora de despedida. A caravana volta a S. Bento a tomar o comboio de regresso. São cerca de cinquenta na desordem familiar adequada à «desorganização organizada» a que pertencem. O trânsito pára. Naquela altura não é o sinaleiro quem manda; são eles a passar. O Povo olha, remira-se, goza. Que gosto Pai Américo tinha deste momento! À noite, em casa, conta-se, conta-se, conta-se...

Deus guie no novo surto da vida os finalistas de 1961. O seu amor gerou a passar de 25 contos. Destinei-os ao Património dos Pobres. Duas famílias terão a sombra de um lar. Eis uma benção, não menos real do que aquela, dias antes, derramada sobre as suas pastas.



AGORA

Lembram-se da última saída? Foi há quinze dias. O trânsito tamanho, o espaço tão reduzido, que houve de se parcelar a Procição! Cinco andores ainda deram a volta... O último aqui vai hoje: Casas a prestações.

Abre «Apresentação» o quarto mistério do Rosário — o quarto ano de perseverança de um justo que sabe a graça que a perseverança representa e a quer forte na Caridade.

Agora passa a «Casa de S. Carlos» que leva quatro achegas: três de uma Maria, de Lisboa; a outra, «3.ª prestação de 500\$ para a Casa de S. Carlos à qual dei início». Donde estou a ver que me enganei e que esta casa devia figurar mas era atrás do pendão das Casas para que vários concorrem.

Do «do plano decenal» tenho notícias de Janeiro e Março. Que é de Fevereiro? Foi o meu Amigo que se esqueceu, ou eu que perdi a sua carta?

«A Mãe que crê em Deus» não falha. Impaciente, coitada!: «Que morosa a minha Casa Fé em Deus!» Tenha paciência! Quanto mais apura mais saborosa ela se torna, porque mais pura na Fé em Deus! Mas afinal reparo: esta mãe não precisa de exortações! Ora escutem:

«Meu filho tenciona ca-

terem sido tão poucos a ouvi-lo) e a semente que lançastes, caíu em boa terra.

Aqui vai uma lista de 6 assinantes novos para o «Famoso», angariada pela Maria de Lurdes. Ela conhecia-vos mal (culpa minha), mas agora que vos ouviu não se esquece de vós, porque muito gostou; calou-lhe fundo na alma a doutrina que Deus lhe mandou por teu intermédio e diz que tem muita pena de não poder fazer mais e ajudar mais. Se não houver complicações que nos impeçam de ir aí no próximo ano, havemos de ficar a conhecer-vos melhor, pela contemplação das maravilhas que Deus tem operado por vosso intermédio.

Pessoalmente, também, dou graças a Deus pelo instrumento de que se serviu para nos mandar tão preciosa doutrina. Que o Divino Espírito Santo continue a inspirar-te e que a Sua luz ilumine e incendeie todos os que tiverem a felicidade de ouvir os ensinamentos que por vosso intermédio faz chegar até nós.

Da Beira, um salto a Nampulha—que linda cidade, que gente adorável! — e mais assinantes e uma queixa: «Segue um cheque de 50\$ que, para os transferir, o B. N. U. me levou esc. 11\$40!»

Finalmente, comparece a formosa Ilha da Madeira, a pérola do Atlântico, com dois deles. É a primeira resposta ao apelo aqui transcrito há tempos! Vamos animar, senhores madeirenses!

É tudo por hoje. E até à próxima se Deus quiser.

Júlio Mendes

sar. Graças a Deus que lhe surgiu a rapariga ideal. São dignos um do outro. Todo o seu noivado tem decorrido sob uma formação religiosa intensa, ou antes preparação. Vejo-os caminhar para o futuro, para a união do seu lar com critério, senso e afecto. Embora me vá custar muito separar-me dele, que tem sido a minha companhia, que Deus os abençoe e faça felizes.

Por isto, quero eu dizer, que não sei quando me será possível, ou se me será possível, mandar mais do que actualmente mando. Fico depois só com o meu modesto vencimento e pago quase 900\$00 de casa, mas os 150\$00, enquanto eu puder, e assim será sempre, os enviarei todos os meses... Às vezes medito: poderei eu arcar com todas as despesas e continuar a manter o meu desejo ardente?:

A da construção da casa Fé em Deus? E sempre me vem esta resposta, que outra não encontro mais poderosa: Deus me ajudará! Em Abril, e deste mês a Julho, vou ter, pois me pediram, uma explicação a um aluno particular de 2.ª classe. São 100 mensais, 2 horas diárias. Pois já fiz o voto de os juntar aos 100\$00 mensais para a Casa Fé em Deus. Assim o queira Deus.

A Casa de Minha Mãe já vai na 24.ª pedra... preciosa pela legenda que sempre a acompanha: «Rogai ao Senhor que o nosso coração seja puro e humilde e vivamos na Caridade». A Casa Avó Ema fica na 39.ª prestação. O assinante 6790 na 73.ª, com uma remessa de quatro delas.

A Casa do António e do Fernando já passou 700\$ do meio caminho. Maria Luisa está quase a chegar...

Mais 500\$ para o Lar da Graça. 8.ª, 9.ª e 10.ª de Helena para a Casa de S. Francisco. O 8.º milhar de M. M. — A. L.

Mais 1.110\$00 por três meses em prol da Casa Ana e João.

E são a Maria e Manuel em grande esforço para se pôrem em dia.

Alguém que acabou a sua casa em 5-4-1960 e agora manda mais 1.000\$00 e a sugestão: «...poderia ser para ajuda do recheio da casa...», mas logo acrescenta: «O Senhor Padre sabe melhor onde esta migalha faz mais geito e, por isso, não se prenda com a minha sugestão». Ó liberdade! Ó delicadeza!

Mais uma pedra para a Casa de Santo António, do «sempre feliz casal de noivos». Deus os guarde assim.

Já aí vem o casal-assinante 28562, de Aveiro. Ficam na 31.ª

Dois mil de Clarinda e «durante 10 meses enviarei mil escudos». Para mais uma Casa de S. José, a 2.ª e última prestação de 6 contos. Estava no Espelho da Moda. Mais 300\$ de Nespreira para a Casa N. S.ª do Rosário. Dez vezes mais, como 3.ª prestação para a Casa do Pedro.

E «uma Mãe amargurada» com as prestações de Fevereiro, Março e Abril.

Júlio manda-me um recado:

Férias forçadas em Ordins

As senhoras tecedeiras de chales estão de férias. Não posso dizer que estejam «no gozo merecido das suas férias», como se lê, por vezes, na letra redonda dos jornais. Na época que atravessamos — costuma ser de longos meses! — não há trabalho, e os desempregados não costumam gozar férias, pois cada dia é um tormento dobrado, pelo presente e pelo futuro. Sofrem, sim, as suas férias forçadas. Deste modo, em Ordins.

Por estas colunas de «Chales» já os leitores sabem da tecedura das vidas das nossas tecedeiras. Para quê, outra vez, trazê-las ao palco? Não resisto, porém, em falar da última admítida. Passa os dias na «serra» a guardar um rebanho de ovelhas, recebendo 2\$50 diários, segundo me informam. Certamente, apanhará por lá, alguns molhitos de carqueja para vender. Quem a vir, magra, e trazendo, em vez de brincos ou arrecadas, uns pauzitos, para não

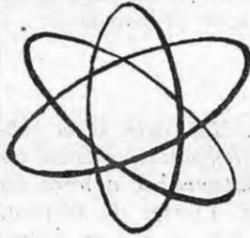
se lhe taparem os buracos das orelhas e souber que alguns filhos já lhe faleceram em pequenos (com quê?) e que o marido, quando pode (ou quando lhe apetece) ou o chamam para trabalhar, é mais mal pago, que qualquer jornaleiro, por não dar rendimento normal—quem a viu, dizia, não errará, julgando-a necessitada. É por isso que os lavradores a ajudam, na altura em que vai para as Termas de S. Vicente tratar da saúde combalida. Além de pobre, doente. Para cúmulo, a sua casa não tem soa-lho. É terra batida. Nem está dividida. Nem tem ferro. Certamente, tu que me lês não queresias viver assim. Mas assim vivem irmãs nossas, à espera de quem as ajude. Para as nossas tecedeiras não venho pedir donativos, mas trabalho, pois este ocupa o seu tempo, retem-nas em suas casas, boas ou más, defende-as dos perigos.

Nos Barredos do Porto e nas

Curraleiras de Lisboa, há milhares de Pobres que folgariam por qualquer agasalho, no próximo Inverno. Se Lisboa quisesse ajudar Ordins e as Curraleiras da Capital, entregaríamos ao Padre José Maria os chales que os leitores encomendassem. Se o Porto o mesmo quisesse fazer com os Pobres dos seus Barredos, P.e Manuel António seria, de bom grado, o Recoveiro de Ordins para os lugares que nunca lá viram o Sol.

X X X

O Porto, em caligrafia conhecida, 70\$ para ser entregue um chale no Calvário. Lisboa vem com o seu mensal, que desta feita, se destina ao oitavo filho dum família pobre. No Asilo dos Velhinhos, em Campolide, foram entregues dois. Do Porto, 50\$ de quem vive do seu ordenado e com dificuldades. Mais Por- Continua na 4.ª página



FACETAS DE UMA VIDA

Continuação do numero anterior

Estes homens assim transformados, são todos místicos. O místico não é um mistificado nem a mística um simples estado de alma. Não é uma vida fácil, suave, dormente, a vida dos místicos; é antes a acção, o carácter, o dever, o sacrifício, a coragem e tudo quanto é capaz de elevar o homem acima de si mesmo.

Que importa dificuldades, injustiças, necessidades, ingra-

tidões, despresos, fiascos, apreciações, ditos, chasquices — se por detrás de todas estas realidades que desaparecem nas pregas do tempo, o místico vive aquela realidade permanente centro de toda a sua vida, — Deus —, o qual era ontem, é hoje e Ele será o mesmo em todos os séculos! — (S. Paulo). Em tudo padecemos tribulação, mas não desanimamos; achamo-nos em dificuldades insuperáveis, mas não sucumbimos; somos abatidos, mas não perecemos; porque nem a morte nem a vida, nem as coisas presentes nem as futuras, nem a violência, nem o que há de mais elevado — nada nos poderá apartar do amor de Deus. — E agora, nota o dizer do mesmo homem: «Temos porém este tesouro (a vida mística) em vaso de barro para que a sublimidade da minha palavra seja não de mim, mas da virtude de Deus». E aqui tens precisamente o segredo da vida dos místicos: a humildade. O verdadeiro conhecimento de Deus, tem de necessariamente começar pelo de nós mesmos.

Por isso, J. assenta neste princípio, regra sine qua non da compreensão do que te digo: sem a virtude da Fé tu não ouves nem compreendes nada. Nos homens da tua igualha, que a beberam no leite da Mãe e a perderam no mundo, homens feitos, esta virtude é de difícil aquisição. É um acto psicológico muito interessante que requer a mão de Deus, a tua vontade e a tua inteligência. É um esforço. É preciso querer crer! Esforço, de resto, tão suave e

curioso. Um mundo desconhecido mesmo à tua beira, a roçar-te na biqueira das botas, que tu nunca viste! Cores, atitudes, desânimos, paradoxos, mistérios, incoerências — a unidade na desigualdade. Tens feito, J., ou propões fazer qualquer movimento interno neste sentido? Tens ajoelhado, no remanso do teu quarto ou na penumbra mística das igrejas? Que grande acto de fé, tu que quando ajoelhavas não sabias o que fazias e agora que sabes, não o queres fazer! Tens feito ou vais fazer qualquer movimento? Queres mudar de ideias sem mudar de vida? Queres ser muito feliz no meio das tuas mais pungentes dificuldades? Queres sentir tudo quanto a vida tem de custoso, sentindo ao mesmo tempo o que não sentes? Tens feito qualquer movimento J.?! A fé é, de resto, acreditar na autoridade de alguém. A nossa fé é acreditar na palavra de Deus, que revelou.

Tens trabalhado alguma coisa, a sós, nas tuas jornadas, nas tuas leituras, nos teus negócios? Eu, de per mim, planto e rego, mas quem dá o crescimento é Deus. Acabo hoje como acabei a última: Hoje, se ouvires a voz do Senhor, não queiras endurecer o coração.

Saudades a todos do teu irmão,

Américo de Aguiar



Casos do momento

A SINETA partiu. A sineta, o relógio da nossa aldeia, chamamos para tudo. Agora até para a Televisão toca. Pois desde há uns dias para cá, que o seu som se ouve mal. Partiu-se. Não admira que isso aconteça, pois ela por vezes até serve de instrumento musical. Vejam lá os senhores, que ontem o Sejaquim estava em bicos de pés, a tocar uma «rabelada» na sineta. Qual quer dia, temos uma novidade na música mundial. O pior é que a sineta está partida, e ela é dos instrumentos mais necessários cá em casa. Ela faz parte desta desorganização organizada.

x x x

UM GRUPO DE RAPAZES estavam abaixados, sentados e outros de joelhos na calçada que vai da Tipografia à Casa-Mãe. O que era? Era um formigueiro.

Eram as formigas no seu labor. A Natureza ainda é a grande escola.

Os rapazes estavam entusiasmados, mirando bem o vai-vem daqueles animais tão insignificantes, mas que nos ensinam a ter amor ao trabalho.

O Fabião e o Ramada, os dois que frequentam a Escola de Artes no Porto, até boroa foram buscar para dar às formigas!

x x x

TEAR. A oficina de tecelagem, segundo queixas do Sr. Padre Carlos, tem dado que falar... E não sei porquê, se o pano crú ali fabricado é superior a todos os outros?!

A semana passada, apareceram-me no meu quarto dois lençóis novos. Chamei o Zéquita e ele diz-me que é pano fabricado na nossa oficina. Pano fechado, sem goma, um pano que todas as donas de casa saberão utilizar. O Sr. Padre Carlos tem razão, mas a culpa é dos fregueses que não aparecem. Minhas

senhoras, o Zéquita espera por encomendas de pano crú e sarja.

x x x

IMITAÇÃO. Os rapazes, numa certa idade, aprendem do que vêem, e do que ouvem. Nas horas de recreio, é ver os mais pequenos armados de espadas de madeira, lutando uns com os outros...

— Foi na televisão que viram. Viram e procuraram imitar. Nesta idade é assim. Ora, este por menor dá-nos muito que pensar, e faz-nos culpados de delitos de que julgamos não ter culpa. Tanto o bem como o mal se pode propagar. As crianças imitam os grandes, naquilo que vêem ou ouvem.

x x x

UM GRUPO DE RAPAZES dos grandes, vieram ter comigo para dizer aos senhores que eles querem arranjar um conjunto musical e coral, mas não têm instrumentos...

Eu, desde já me ofereço para arranjar um conjunto musical e padrinho do conjunto: «os pedinchões».

x x x

GRILOS—Como nos anos anteriores começou a caça a eles. Estávamos na capela a rezar o terço, e ouviam-se deles a cantar. Profanação? Que quê, se os grilos roubam a ociosidade aos nossos rapazes, e os ensinam a ver, a meditar e tirar lições da Natureza? Ir ao campo, pegar numa palha, esgravatar a toca e o «gri gri gri, sai cá fora que eu já te vi», tem o seu quê de beleza. E só porque os donos lavam os grilos para a capela, ia-se estragar essa beleza? Pois senhores, os grilos fazem parte da nossa casa, e sempre haverá deles na capela, na oficina, refeitório, e nas casas de habitação. Eles são educadores!

AMOR. Américo tem andado atarefado com os preparativos para as nossas Festas. Passou mesmo há bocadinho aqui, em direcção à alfaiataria, com um dos «Batatas» ao colo. Poderia trazê-lo pela mão, mas não, trouxe-o ao colo. Oh Amor! Oh fraternidade! Odios e guerras para quê?

x x x

TRIBUNAL. O Quim levanta a voz e fala da obediência que se deve aos que têm a responsabilidade de mandar. Não importa — diz ele — que o chefe seja grande ou pequeno. É chefe, e portanto tem que se lhe obedecer.

O Chico, Neca da Tipografia e um outro, por terem desobedecido ao Baleia, então chefe de serviço no balneário, foram ao barbeiro rapar o cabelo. Recordo o que ouvi de Pai Américo num caso semelhante: «O maior de vocês, deve obediência ao mais pequeno, desde que este esteja no lugar de mandar».

x x x

AMOR. Mais dele, mais poesia. As «Belenitas» vieram ao Coliseu testemunhar a força do Evangelho. Vieram de véspera, e vieram até nossa casa. Entraram no grande refeitório e deram-nos as saudações, por intermédio duma canção que entoaram com suas vozes cristalinas. O vosso à-vontade, o vosso lugar nas escadas a rezar o terço, o vosso sorriso, Belenitas, foi presenciado por Pai Américo e diz bem os laços familiares que nos ligam. O primeiro passo para evitar o mal está dado. Ajuda tu daí, pois «Belém» precisa duma casa maior, e de mais alguém que se dê às meninas da rua. Só assim se transforma a lama que temos feito. Há tantas meninas a precisam de Belém!

x x x

TAVIRA «fugiu!» Não é bem o termo, pois estando a porta aberta abala-se a qualquer hora. Pois este rapaz, já faz a mesma proeza não sei quantas vezes. Dormia debaixo duma barca na praia. O trabalho e os lençóis lavados metem-lhe medo. A ideia da aventura leva-o a fugir da comunidade. Não se afasta muito. Esconde-se na eira ou nos palheiros, até que a fome lhe aperta.

Noutro dia houve tribunal. Eram muitos réus. Guardavam e levavam a boroa para o fugitivo se alimentar. Julgavam que usavam de caridade para com ele, e estavam a prejudicá-lo, porque enquanto o Tavira tivesse boroa, não se chegaria ao conjunto.

x x x

SEJAQUIM vê! Quem não conhece o Sejaquim? Noutro dia, o seu guia não o foi buscar ao quarto, para ir jantar. Esqueceu-se. Pois Sejaquim não se atrapalhou e era vê-lo seguir sozinho para o refeitório.

Ernesto Pinto

FILHOS DE PAI INCÓGNITO

Meu bom Ernesto:

Há já muito tempo que tencionava escrever-lhe mas só hoje o faço. Quero felicitar-lo pela coragem com que tem trabalhado com a sua pena nas colunas do «Gaiato» na rubrica «Filhos de pai incógnito». Não desanime, não se canse. Se mais nada conseguir, ao menos pode ter a consolação de ter levado a muitos corações esta consoladora certeza: que uma voz se levanta corajosa, a clamar justiça por nós.

Infelizmente também sou «orção de pai vivo», como dizia o vosso saudoso Pai Américo. Minha mãe serviu como criada, 10 anos na mesma casa. Queria a essa família como se sua família fosse, mas essa dedicação foi paga com ser vergonhosamente enganada. Apesar da sua falta, soube sempre encaminhar-me para o bom caminho e além disso nasci num meio rude mas pouco propício ao mal. Não conheci por isso as cadeias e os reformatórios mas sempre sofri e sofrirei as consequências dum crime que não cometi. Criançinha ainda fui atacado duma doença que me tornou quase inválido e me fez passar um verdadeiro martírio. Essa doença podia ter tido cura se minha mãe tivesse dinheiro. Mas não tinha. No entanto, os bolsos de meu Pai abarrotavam dele. Fiquei paratítico. Sofria falta de muitas coisas que em casa de meu Pai se estragavam. Sofri o desprezo, a antipatia, quase o ódio da esposa dele e dos filhos, e posso dizer que ainda é isto o que mais me fere. Eu acho, meu caro Ernesto, que não basta prégear aos homens a castidade, devia prégear-se-lhe da mesma forma o repararem as faltas e assumirem as suas responsabilidades. Há dias ouvi a uma Mãe esta frase «Nunca peço a Deus juízo para as minhas filhas; peço-Lhe que nunca se aproximem delas, homens sem consciência». Reflecti muito nas palavras daquela Mãe e na verdade que elas encerram. Mas o mundo não aceita essa doutrina. O mundo quer que elas sejam as «desavergonhadas», «os espantelhos», eles os Senhores importantes, de dignidade, para pegarem às umbelas e aos pálios.

Amo o «Gaiato» por dizer a Verdade desassombadamente. Logo que ele chega vou imediatamente procurar o artigo do E. Pinto e como eu tantos por esse mundo. É por isso que peço para continuar sempre. Por mim já nada peço nem espero mas sinto na alma a angústia dos milhares e milhares de infelizes que sofrem por não poderem chamar pai ao autor dos seus dias. Aceite, Ernesto, um abraço amigo do Casimiro.

Notícias da Conferência

da nossa Aldeia

OS NOSSOS POBRES: Era um domingo esplêndido. Sol doirado e campos verdejantes. No monte divisava-se um panorama surpreendente. A nossa aldeia, então, é um mimo!

Ja descansado (?), quando oigo, das Cavadas, hinos de glória à Eucaristia. Desfilava a procissão do Senhor aos Doentes. E despertou-me mais força ir pela casa onde eu já sabia que o sofrimento é nota dominante. Não havia ainda uma semana que ela me procurara, ansiosa e chorosa. «Não tenho leite pró meu filho! Dou-lhe agora água com açúcar, quando o tenho...» Já em tempos falámos desta mulher fácil que escorregou algumas vezes e tem um ror de filhos de pai incógnito.

Era um amor aquela criança. Porém... a mãe, quase esfomeada, perdeu o leite. E para contentar o miúdo dava-lhe água com açúcar «quando o tenho...». Esteve assim uns largos dias. Eu vi-o chorar. Enfezado e mirrado. E não resisti. Vinha de minha casa, onde meu filho mais novo — que é um encanto — estava a ser amamentado pela mãe. E mais chocado fiquei. De maneira que sem conselhos e nem tampouco ter apresentado o caso aos meus colegas vicentinos dei logo ordem para se dar à criança, diariamente, um quartilho de leite de vaca. Ela já recebe, mensalmente, 60\$00 de farinha e mais 60\$00 em dinheiro, fora o mais que, eventualmente, distribuímos. Mas nesta ocasião não devíamos fechar as mãos nem perder tempo. Mais uma semana de fome e aquele petiz já não seria. Quantos assim por aí fora, quantos?! Eis um problema nacional e de certa gravidade. Como esta mulher há muitas que, sem terem para dar às crianças, fazem o mesmo: «Dou-lhe água com açúcar, quando o tenho...», até ao desgaste final — a morte.

Isto é verdade. E a Verdade deve afirmar-se para que o mundo cego e mouco desperte — e acuda. E para que os senhores com a faca e o queijo na mão façam guerra eficaz e resolvam o problema dos filhos de pai que se diz incógnito — mas tem

nome, existe. Porquê a manutenção deste crime fácil, pela consequente irresponsabilidade nos seus efeitos, talvez em 90% de uniões ilícitas?

Júlio Mendes

LAR DO PORTO

— O Sr. P.e Carlos tem-me ralhado muito, por eu ficar com alguns donativos, que os nossos benfeitores nos têm feito chegar às mãos e, diga-se de passagem que tem muita razão, pois fui eu o inventor desta nova modalidade. Antigamente, todas as importâncias que nos fossem dirigidas, a título de donativo, eram enviadas para Paço de Sousa, sede e Casa Mãe de todas as Casas do Gaiato e de lá eram distribuídas pelas mais necessitadas. Hoje porém, não podemos seguir este sistema, pois os tempos mudaram e a vida está mais difícil do que nunca. Daí, o jeitinho que essas pequeninas migalhas nos têm feito e continuarão fazendo.

— O nosso Lar precisava de alguns melhoramentos, especialmente no que se refere a livros de cultura, de formação, para a cultura do espírito; e também carece de alguns jogos para divertimento dos mais novos, mas nós não temos possibilidade de os adquirir, e por isso lembramos aos nossos benfeitores que, se porventura tiverem alguns que já não lhes sejam uteis, se não esquecerem de nós, pois fiar-lhes-emos muito reconhecidos e obrigados. Também precisávamos de um farolim para uma bicicleta antiga que nos deram. Quem levanta o dedo?

Alberto de Almeida

VISADO
PELA CENSURA

FÉRIAS FORÇADAS...

to, com outro tanto, de quem compreende e ama. «Venderem-se novamente! Cair na lama outra vez é tão triste faz doer o coração que Deus aumente a nossa fé a todos». De algures, 20\$ de quem escreve: «sempre que leio as notícias referentes a Ordins e fico calada doi-me a alma com esse silêncio. Mas depois desta última, não tenho o direito de comer sossegado um bocadinho de pão sem enviar 2 novelos para o trabalho da infeliz que quer repetir o seu erro».

Bragança «compartilha nas aflições da Obra» com 50\$. Alguém de Lx. trouxe mais duas

encomendas de chales (pode continuar a pedir as suas cores preferidas, que atenderemos, na medida em que a Fábrica das lãs nos atender). «Dar trabalho, fazer trabalhar é para mim a verdadeira obra de caridade». Para a Capital foi a écharpe, encomendada pelo Dundo (Angola). Para uma Senhora do Porto, que há pouco foi vítima dum desastre de automóvel e a quem desejamos melhoras rápidas, foi outra.

Chaves veio por um chale médio e 50\$ «para o que fôr mais necessário».

E até outra vez, que chegou, mesmo agora, Senhor P.e Carlos, de visita a esta nossa Casa de Jesus Misericordioso.

Padre Aires

